

#### 9.4.1 História da crise

Caçapava do Sul é um dos municípios mais tradicionais do Estado do Rio Grande do Sul por dois aspectos fundamentais. Integra a região da campanha gaúcha de onde originariamente foram extraídos os elementos da iconografia cultural do gaúcho e do campesinato. Sua situação geográfica foi privilegiada no período de afirmação das fronteiras entre Portugal e Espanha nas terras americanas.

De acordo com Nicolau da Silveira Abraão (1992) a cidade teria se originado ainda no período em que existia uma vasta área denominada terra-de-ninguém que se estendia de Laguna em Santa Catarina, onde terminava o domínio português, até a linha do Rio Camaquã mais para o Oeste do Estado, onde trilhavam os espanhóis. Por volta de 1777, após longo período de guerra, o território rio-grandense estava quase todo sob a posse luso-brasileira, com exceção das Missões Jesuíticas.

Oriunda de um acampamento militar do Regimento dos Dragões, teria sido fundada por esta época a “Paragem de Cassapava”. Situada numa clareira na mata localizada na parte superior de uma elevada serra de mata virgem, Caçapava fora, antes dos brancos, uma aldeia Charrua e, possivelmente, também uma paragem de tropeiros.

Outra questão relevante na história do município é o fato de ter sido, ainda pela sua situação geográfica centralizada, elevada a categoria de Capital da República Rio-Grandense (9/01/1839/ a 30/05/1840) durante a Revolução Farroupilha (1835/1845) – transformada em mitologia gaúcha aos moldes de uma

epopéia grega por ser um dos mais ousados feitos históricos e políticos do período da regência imperial.

Apesar da importância histórica reservada pelos feitos políticos e militares, Caçapava jamais alcançaria relevância econômica duradoura longe da produção mineral e primária. Em sua estrutura geológica o município tem como principal riqueza as jazidas de cobre e calcário. Os primeiros registros de licença para exportação do cobre datam de 4 de janeiro de 1868 (Abraão, 1992,p 41). Contudo, a exploração efetiva só veio a ser feita pela Sociedade Belga de Minas do Cobre do Camaquã em 1901. Em 1942 era criada, sob os auspícios do Estado Novo, a Companhia Brasileira do Cobre formada numa sociedade entre o Governo Federal e o empresário Francisco “Baby” Pignatari. Em 1970 o governo deixa a sociedade e Pignatari assume o controle até 1973. A partir daí, até 1980, a mineração esteve paralizada até que se aprontasse um profundo estudo de viabilidade, o que indicou possibilidades de 15 anos de exploração.

Em maio de 1996, com as jazidas esgotadas e já sob administração acionária dos próprios funcionários, a CBC fechava as portas colocando a venda todo o seu patrimônio, equivalente a R\$ 40.000.000,00. Com o encerramento do ciclo do Cobre, o município deixaria de arrecadar mais de 30% da receita orçamentária, conforme afirmou no mesmo ano o prefeito Roberto Antônio Machado (RBS Comunidade / maio – RBSTV Santa Maria), além de acumular encargos vultosos com a extinção, ao longo do período de encerramento, de aproximadamente 900 empregos diretos.

Depois de faturar mais de US\$ 2.500.000,00 por ano (Zero Hora, 3/12/97, p.33) a CBC tornava-se então fonte de preocupação com seus desempregados e com uma pequena cidade de 700 residências exigindo tratamento adequado da parte das autoridades e serviços públicos – 100 famílias permaneceriam no local. Desde setembro de 1999 a empresa vem trabalhando num projeto de transformação da área da antiga mineração em um centro turístico e de lazer – o Resort das Minas do Camaquã.

A situação econômica de Caçapava do Sul veio a agravar-se com a queda na produção e comercialização do calcário (mineral utilizado para corrigir a acidez do solo na agricultura) que, em pleno funcionamento, chega a empregar quase 10% da população local - 800 empregos diretos e 4.000 indiretos nas sete empresas do ramo, conforme as informações do secretário municipal de Turismo, Indústria e Comércio, Roberto Zamberlan - em períodos sazonais decorrentes da safra agrícola. Caçapava responde atualmente por 90% da produção estadual de calcário, conforme dados revelados ao Jornal MINUANO (2001, p.18). A situação instável do calcário, somada ao fechamento da CBC deixou exposta mais uma vez a fragilizada estrutura econômica do município baseada até então, quase exclusivamente na mineração e na agropecuária.

Os constantes revezes econômicos já àquela época davam início a uma presente discussão sobre alternativas das quais o turismo tem figurado em primeira opção, ainda que algumas iniciativas isoladas tenham sido registradas anteriormente.

#### 9.4.2 Festa Mundial como fonte turística

A Festa Mundial do Folclore aconteceu pela primeira vez em 1992 e, de acordo com os depoimentos de seus organizadores e de grande parte dos entrevistados, não tinha objetivos outros que não fossem o intercâmbio cultural. Mas a movimentação decorrente do evento, a reunião de um número cada vez maior de visitantes e a divulgação em torno dos espetáculos acabou trazendo resultados econômicos diretos, como maior movimentação no comércio local, conforme são notados nas seguintes falas: “*Acredito que tenha sido com objetivos culturais, mas teve conseqüências econômicas*”(10.4). Ou ainda:

*“Fora os Chimangos, fora as famílias, nós damos muito retorno. Isso sem falar no movimento das pessoas que saem muito mais porque sabem que vão encontrar os estrangeiros e pessoas de fora da cidade nos bares e festas. Acho que o pessoal do comércio não tem do que se queixar. E me atrevo a dizer que a festa que dá mais lucro para Caçapava é a Festa Mundial. São 150 estrangeiros gastando durante 15 dias. Imagine que cada um traga 100 dólares, que não é só isso, né?”* (6.4).

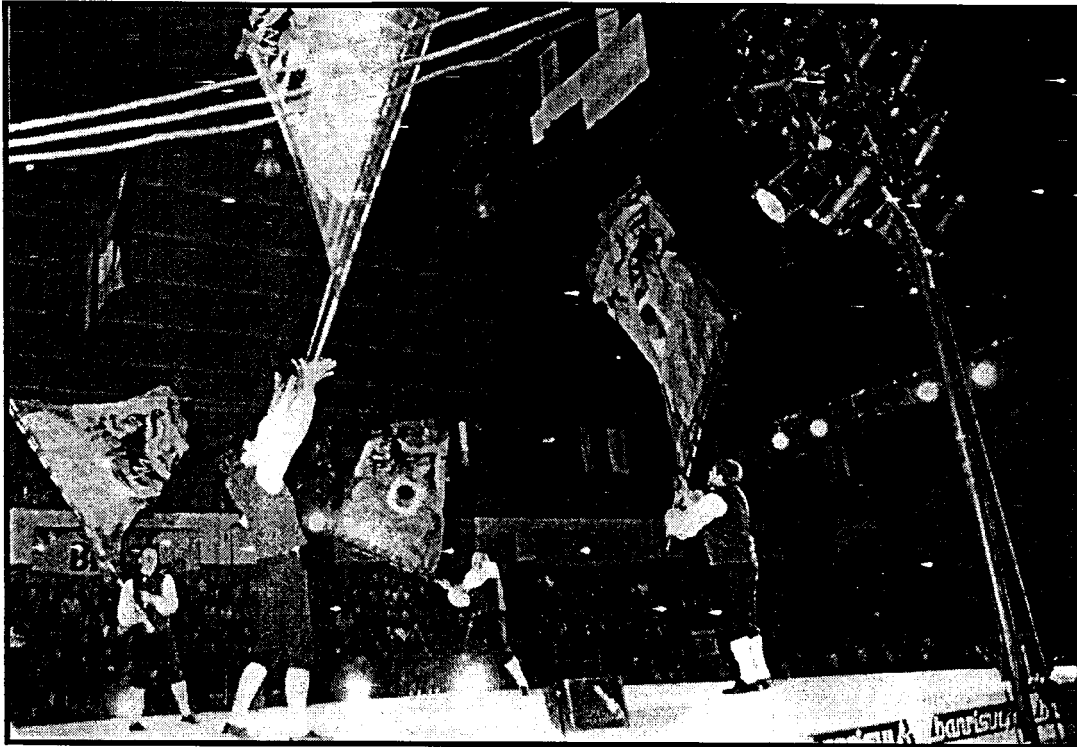
Ao que tudo indica, ainda que não tenham pretendido, já há dez anos Os Chimangos poderiam estar caminhando no rumo de uma alternativa econômica considerada por muitos como a saída para o município. As informações colhidas dão conta de que tal atividade teria sido de grande influência para a criação de outras festividades ou entidades ligadas ao desenvolvimento do turismo:

*“Eu acho que a FMF é o carro-chefe de outros eventos que aconteceram e que estão acontecendo em Caçapava. Se lembrarmos*

*um pouquinho, a Festa do Divino Espírito Santo de Caçapava foi recriada a partir dos integrantes do Grupo de arte Nativa Os Chimangos. Então aí já está a influência direta. Acredito que a FarrapoFesta também tenha tido alguma influência, apesar de ser um projeto do escritor conhecido, Barbosa Lessa. Mas alguns modelos, alguma coisa que foi tirada da Festa Mundial do Folclore. Tem muita coisa a ser feita, acho que a FarrapoFesta tem realmente a possibilidade de se tornar uma Festa existe essa possibilidade nos próximos anos. Existe a Festa do Divino como já falei e existe o Grupo Clara Nunes que nasceu a partir da FMF, então a influência dessa festa no conceito cultural de Caçapava é realmente muito grande”(10.4).*

Pelo que demonstram os relatos, já existe uma preocupação muito acentuada com as possibilidades de exploração econômica e turística da Festa Mundial. Isso não significa, entretanto, que não haja exigências da parte dos entrevistados:

*“Dá para perceber ao longo do tempo de realização das festas folclóricas, nós fomos evoluindo muito nisso. O que me parece que deve ser melhor trabalhado é infra-estrutura da cidade, especialmente ao que se refere aos órgãos públicos municipais, para que possamos ter cada vez mais um maior profissionalismo nisso, fazendo com que os integrantes de grupos folclóricos, não só essas pessoas levem uma imagem positiva do município, do Estado e do Brasil, para que um dia retornem como turistas, mas que transmitam a outras pessoas do mundo inteiro para que vindo ao Brasil estas pessoas incluam o RS e Caçapava do Sul. Com isso, fazendo com que esta ação se transforme num turismo importante e isso, naturalmente, tenha influências nos aspectos econômicos e sociais de Caçapava do Sul”(5.4).*



**Figura 21 - Belgas e a tradição da dança das bandeiras medievais**

Na busca pelo crescimento nos índices econômicos, pelo empregos para seus jovens que deixam a cidade, Caçapava voltou-se para o que tinha de mais valioso: seu passado histórico glorioso e suas manifestações culturais. A cidade que já não tinha preservado seus prédios famosos e casarios antigos, viu-se frente à sua própria humanidade. Amparada na tradição recorre a uma forte representação folclórica e à hospitalidade de sua comunidade na busca de melhores dias:

*“Então resta hoje, já com o fechamento das Minas do Camaquã e com o calcário em baixa na cidade, o que resta hoje são estas festas. O que nós temos hoje para oferecer e como retorno econômico são estas festas. Aliás, nós temos muitas festas. Temos muitos eventos e surgem muitos grupos. E isso nos dá uma garantia de que nós*

*teremos todos os anos alguma coisa para fazer e para vender como imagem”(10.6).*

Caçapava promove atualmente a Festa Mundial do Folclore, a Festa das Etnias, a FarrapoFesta e a Festa do Divino Espírito Santo, além de outros momentos de confraternização sem o mesmo apelo popular e de público.

### 9.4.3 As festas



**Figura 22 - Os Chimangos apresentam folclore gaúcho**

Com o advento do sucesso turístico de cidades como Gramado, Canela e Nova Petrópolis nos últimos 30 anos e a constatação de uma eficiente autonomia financeira do setor, várias comunidades elegem uma festa que serve como uma marca, um visual perante o mercado do lazer e de viagens. Na região da campanha gaúcha, o modelo já havia sido apreendido das antigas feiras ou exposições agropecuárias. Caçapava do Sul também fez suas escolhas e nesse tópico vamos

descrever despretenciosamente algumas delas, mas alertamos que uma apresentação digna de seus detalhes e implicações seriam fruto de uma análise mais específica do que a que trazemos.

Nos últimos oito anos tem sido intensa a discussão sobre as potencialidades de Caçapava do Sul para o ecoturismo, baseado em recursos naturais como a lendária Pedra do Segredo (formação rochosa de 160 metros de altura, que inclui cavernas onde teriam sido depositados tesouros jesuíticos), o desfiladeiro das Guaritas considerado pelo Governo do Estado como uma das Sete Maravilhas Naturais do Rio Grande do Sul (formado por um extenso labirinto de pedras recortadas pela erosão e vales muito verdes) e mais um numeroso patrimônio natural também importante, mas sem a projeção dos primeiros. A Festa Mundial foi o primeiro evento a incentivar viagens a estes pontos turísticos como parte do roteiro a ser apresentado aos estrangeiros, assim ampliou-se a possibilidade de associar mais elementos ou oferta turística na criação de eventos ou festividades.



#### 9.4.3.1 Festa do Divino Espírito Santo



**Figura 23 - Chimangos incentiva Festa do Divino na interior**

A Festa Mundial do Folclore foi indicada pelos depoimentos como o primeiro passo dado pelo município rumo a um turismo reconhecido, ainda que falte longo caminho a ser percorrido. Sob sua orientação, e elaborado a partir da experiência de integrantes do Grupo de Arte Nativa Os Chimangos, uma grande tradição religiosa e cultural do Século XIX foi retomada na cidade em 1992: a Festa do Divino Espírito Santo. Celebrando as suas raízes lusitanas, cavaleiros caçapavanos encarnam guerreiros ibéricos cristãos, com suas vestes azuis, em batalhas contra os mouros invasores, em seus trajes vermelhos. As escaramuças são simuladas numa grande arena organizada no interior dos paredões do Forte Dom Pedro II, onde demonstram suas habilidades nas provas da argola – os cavaleiros devem acertar com suas lanças o orifício de uma argola em pleno galope. O acontecimento reúne grande público no

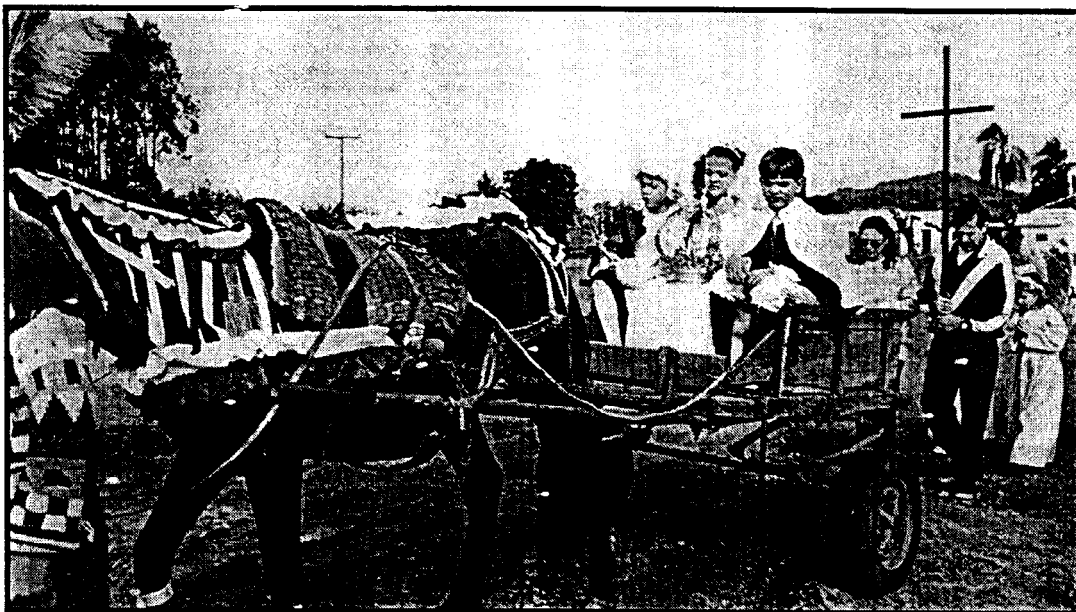
sétimo domingo depois da Páscoa como reza a tradição açoriana, mas geralmente precede a procissão do Divino Espírito Santo. Ao longo do período de festa, várias são as atividades recreativas e religiosas. Toda a noite há novenas, com procissões onde figuram os mordomos, festeiros e personagens litúrgicos. Durante o período são realizadas as visitas da Bandeira do Divino às residências locais.



**Figura 24 - Residências preparam festa para a chegada das bandeiras**

Em 1997, Os Chimangos assumiram a responsabilidade de festeiros do Divino e retomaram outra tradição da festa que havia sido esquecida no tempo. Desde então, todas as atividades são agendadas previamente para que as celebrações do Divino ocorram nas comunidades e capelas do interior, com suas antigas procissões e visitas rurais, com a presença dos personagens, como o imperador, a imperatriz e o pagem, geralmente interpretados por crianças, filhos de festeiros ou

convidados. Agora, para integrar as comunidades da zona rural, somente os festejos culminantes são realizados na sede da paróquia.



**Figura 25 - A imperatriz, o imperador e o pagem acompanham procissão**

#### *9.4.3.2 A FarrapoFesta*

Apresentar a FarrapoFesta, como um evento local iniciado no ano de 1999 exige, também, uma explanação prévia sobre o ambiente em que foi fomentada. Tivemos ao longo do levantamento dos dados cinco referências a ela como alternativa econômica através do turismo e como resultado da influência exercida pela Festa Mundial do Folclore. Dos dezesseis (16) entrevistados, dez (10) apontaram a criação da Associação Caçapavana de Turismo como um marco importante na concepção de turismo da população local. A Ascatur é uma entidade que reúne voluntários, sem fins lucrativos e que trabalha como promotora de eventos

e de conscientização turística, o que inclui os recursos naturais e meio ambiente. Também tem como função criar mecanismos para melhorar a formação de profissionais de sua área de atuação, como capacitação turística e certificação da EMBRATUR. Fundada em 1998, já no ano seguinte organizou, com a sugestão do escritor Luis Carlos Barbosa Lessa o resgate de um acontecimento histórico que indica mais uma participação indelével de Caçapava na história do Rio Grande do Sul. Os caçapavanos deram início à encenação das festividades em que os farroupilhas executaram pela primeira vez o Hino da República Rio-Grandense na, então, Capital Caçapava do Sul, em 30 de abril de 1839. De acordo com pesquisa concluída por Barbosa Lessa, relatada em carta enviada à entidade, os farroupilhas estariam comemorando em 30 de abril a tomada da cidadela imperial de Rio Pardo, até então importante e inexpugnável reduto militar das tropas legalistas, acontecida exatamente um ano antes.

Todas as cerimônias e festejos reproduzidos nos anos de 1999 e 2000, incluindo seus personagens foram retirados de documentos como os originais do Jornal “O Povo” de maio de 1839 (informativo farroupilha então publicado na capital). A comunidade estimulada por comissões voluntárias recriou no que foi possível o ambiente de época proposto pela organização. Foram organizados uma missa de bênção da bandeira farroupilha, um baile onde teriam participados as autoridades da época, bailes populares de caramanchão (espécie de galpão de pau-a-pique). Equipes foram responsabilizadas de prover os eventos com culinária gaúcha e açoriana, da organização de desfiles com trajes de época, palestras e atividades em escolas.



**Figura 26 - Comunidade veste trajes de época para encenar Revolução Farrroupilha**

Uma característica que marca esta comemoração é a sua plena consciência do potencial turístico e objetivos bem definidos quanto à mobilização e participação da comunidade, como já antecipavam os textos da cartilha da 1ª FarrapoFest (o nome foi mudado na edição seguinte com o objetivo de deixar a pronúncia mais portuguesa):

*“A maior preocupação do povo e das instâncias governamentais é, atualmente, o desemprego. Com isso diminuem-se as perspectivas positivas ou produtivas e avolumam-se as possibilidades de desagregação social e cultural. Nessa realidade é que sintonizamos nossas iniciativas com a preocupação das autoridades em desenvolver um mercado do turismo de qualidade, setor reconhecidamente considerado um fator de crescimento sadio. No caso de Caçapava, nosso empenho se justifica na medida em que temos várias potencialidades reais de*

*transformação em produto turístico, entre elas nosso próprio cidadão. Caro amigo, nosso convite é que façamos juntos a restauração da história em seu aspecto cultural, já que também é importante para o resto do Estado. Mas também destacamos as belezas naturais, a hospitalidade do gaúcho de raiz, tudo isso alicerçado numa página valorosa de nossa história, cujo poder sentimental reforça nosso ORGULHO DE SER GAÚCHO”* (Material de divulgação do evento).

#### 9.4.3.3 *Anahy de Las Misiones: o filme*



**Figura 27 - Cena noturna expressa vida campeira**

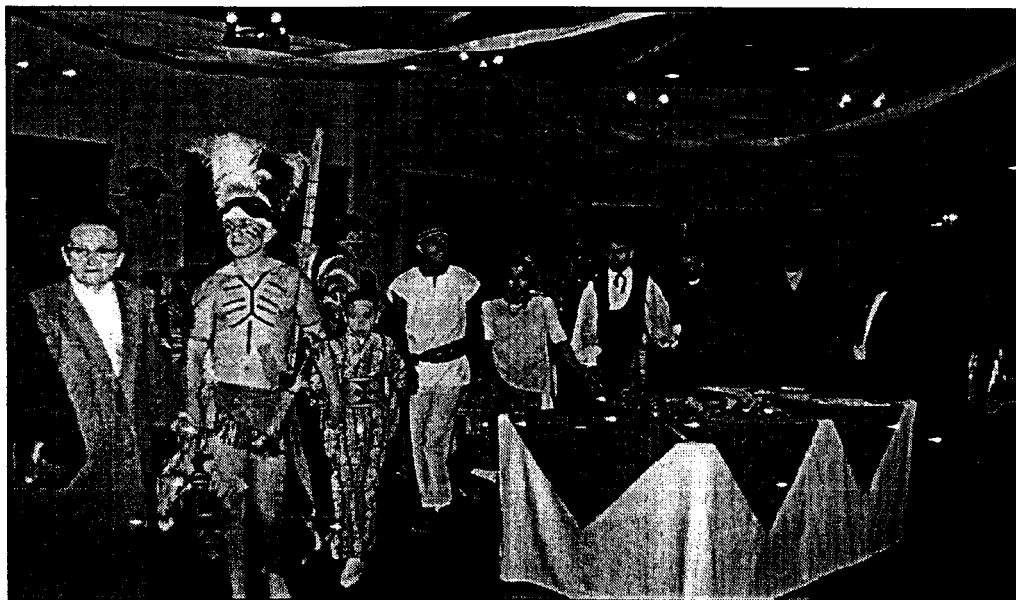
Outro momento que marcou a cidade no sentido de valorização turística foi a escolha de seus cenários para diversas locações do longametragem gaúcho “Anahy de las Misiones”, dirigido por Sergio Silva. Com elenco de atores famosos como a gaúcha Araci Esteves, Marcos Palmeira, Dira Paes, Matheus Nachtergaele e Giovana Gold, o filme tinha motivos de sobra para ser ambientado em Caçapava do Sul.

Descrevendo a rotina e a constante luta pela sobrevivência da índia Araci e sua pobre família de mascates, a trama acontece em pleno cenário da Revolução Farroupilha. Caçapava do Sul inclui-se tanto pelo caráter histórico de sua participação como capital da República quanto pela beleza dos locais escolhidos para grande parte das cenas. O efeito desta escolha repercutiu de maneira intensa na percepção de turismo dos habitantes. O principal motivo para isso era a constante indagação: porque um filme com orçamento de R\$ 2.000.000,00 foi rodado em Caçapava? No ano 2000, a protagonista, Araci Esteves foi à cidade acompanhar a FarrapoFesta, participou de programas de entrevistas em televisão e rádio sem exigir remuneração.



**Figura 28 - Dira Paes e Araci Esteves no desfiladeiro das Guaritas**

#### 9.4.3.4 A Festa das etnias



**Figura 29 - Descendentes desfilam no CTG com trajes peculiares de cada etnia**

Outro evento que tem marcado seu espaço nos momentos de confraternização local é a Festa das Etnias, realizada por quatro anos consecutivos. A festa busca resgatar representantes de grupos étnicos e culturais que tenham formado a sociedade caçapavana da atualidade. Assim, são convidados ao salão do CTG Sentinela dos Cerros, famílias de origem italiana, portuguesa, polonesa, árabe ou sírio-libanesa, africana, indígena, francesa, japonesa, espanhola, argentina, uruguaia. No local é realizado um grande banquete onde é degustada a culinária típica de cada etnia representada. Ao longo do encontro, são apresentados números musicais e artísticos tradicionais de cada povo, ao mesmo tempo em que é descrito o processo de colonização da Clareira da Mata.



#### 9.4.4 Necessidade de ação

Os desafios econômicos fazem com que, num movimento recorrente, Caçapava do Sul volte-se novamente à sua história, por vezes origem de suas mazelas, mas eterna fonte de soluções. Seja com a manifestação popular e tradicional das festas, seja pelo intercâmbio cultural ou pelo reconhecimento externo do cinema, lá está o gaúcho caçapavano, hospitaleiro com os amigos, mas guerreiro com quem for preciso, como a apontar um futuro nunca distante de seu passado. Mas para ir avante numa indústria nova e ágil como a do turismo é preciso muito empenho, conscientização e disposição para mudanças.

A partir da Festa Mundial do Folclore e sua atividade precursora, os participantes do estudo acreditam que os cidadãos começaram a pensar em turismo de maneira mais conseqüente, o que também foi atribuído ao papel da Ascatur no decorrer do tempo de sua ação. Só o fato de vislumbrar uma atividade que explora especialmente os cenários, caminhadas, escaladas em montanhas como uma inovadora fonte de riqueza já é uma grande mudança para uma comunidade tradicionalmente voltada ao sistema de produção primária em grande parte caracterizada como atividade de subsistência.

As falas apontaram que a cidade está preparada para receber bem os visitantes no que isso significa a participação e disposição das pessoas. Tal intensidade na acolhida não é reconhecida na hotelaria e no comércio:

*“Eu acho que em termos de população sim, as pessoas. Caçapava prima pelo bem receber, é comum assim, todos os grupos, as pessoas*

*que vêm, dizer que aqui eles se sentem em casa. Então eu acho que não tem problema, o empecilho da língua não é... não se torna assim tão difícil, porque quando a gente não entende a língua, se comunica por gestos, com mímicas e em pouquinhos dias a comunicação é perfeita. Eu acho que ainda é falho em termos de comércio. Este ano mesmo, procuraram assim...lembranças que dissessem Brasil, que dissessem Caçapava e não acharam.Então eu acho que ainda falta em termos de comércio e hotelaria, com certeza” (1.4).*

Outro depoimento que revela uma determinada falta de planejamento para apropriar a festa como fonte de renda ou atividade econômica também é remetido ao comércio local, mas associa a isso também a falta de um apoio mais decisivo por parte dos poderes públicos:

*“Eu acho que o Poder Público poderia especificar uma verba fixa para a Festa, dentro do orçamento, que ora acontece de dois em dois anos. Outra coisa, o comércio, o empresariado de Caçapava é quem mais lucra com esta festa. Eles também poderiam fazer mais, oferecer mais alguma coisa, porque o lucro é diretamente deles. Esse pessoal que vem para cá, o que compram aqui! O que deixam de dinheiro! O que o próprio pessoal daqui aumenta as compras! Quando tem visitantes tu consome mais, até supermercado, tu compra mais. Tu vai ter mais duas pessoas em casa. E tem as pessoas que vêm de fora para festa e que movimentam a cidade.”(11.4)*

A análise dos dados oferecida até aqui aponta para uma conscientização dos setores envolvidos e interessados em dar incremento às suas atividades profissionais. Ao descreverem sua visão atual do processo, várias fontes destacam, entretanto, um reconhecimento de que existe uma aprendizagem gradual, tanto sobre hospedagem e infra-estrutura quanto de melhores oportunidades de negócios.

## 9.5 FESTA GLOBAL FORTALECE IDENTIDADE LOCAL

Uma análise detida nas atividades desenvolvidas pelos caçapavanos nos últimos 20 anos demonstra que em seus momentos mais críticos eles se voltam ao seu interior. A sua capacidade de sobrevivência e de superar as adversidades tem sido alimentada pela forte história de sua fundação, colonização e, em alguns momentos, pela destacada inserção em ambientes de guerrilha e revoluções. Todo este espírito de luta ultrapassou os limites do tempo e, em período de paz prolongada, se transforma numa busca por melhores condições de vida. O guerreiro vira um cidadão resistente contra o volume maior na oferta de emprego das grandes cidades que tem feito diminuir a população local e expõe o município a uma franca dificuldade econômica.



**Figura 30 - Dança dos avestruzes tem coreografia e pesquisa realizada pelos Chimangos**

Essa disposição fica muito evidente na interpretação de um bordão muito ouvido na cidade ao longo de décadas: “Caçapava não se entrega”, atribuído ao soldado caçapavano Lino Azambuja num heróico desempenho em batalha na Guerra do Paraguai:

*“O toque do clarim ordenava ataque as trincheiras inimigas. Então o grito de ‘Caçapava não se entrega’ partiu do peito do valoroso soldado Lino Azambuja. Ressoou aos ouvidos de seus companheiros, tocou-lhes as fibras da alma e fê-los lançarem-se à luta, sem temor. E, durante a batalha, sobrepujando o toque do clarim, o tinir dos sabres, toda aquela algazarra infernal, sobrepujando até o troar dos canhões, a voz de Lino Azambuja se fazia ouvir: ‘Caçapava não se entrega’” (Abraão, 1992, p.112).*

O soldado caçapavano realmente existiu e, segundo o micro-historiador caçapavano Nicolau da Silveira Abraão, teria morrido na indigência em Cachoeira do Sul. Antes disso, porém, já ferido e vítima de uma neurose de guerra, percorria as ruas da cidade e vias do interior com a razão abalada. Apesar da “loucura” fez gravar na história e nas lembranças dos jovens o patriotismo e a tenacidade que carregam a frase até hoje tão presente nas relações sociais e na esperança dos caçapavanos.

Os participantes da pesquisa identificaram uma espécie de legitimidade do Grupo de Arte Nativa Os Chimangos na representação da identidade local através do folclore e a condução geral oferecida à Festa Mundial. O aspecto que mais associou-se ao estereótipo do gaúcho, além dos diretamente ligados ao modelo de produção e costumes, foi a hospitalidade. Dos entrevistados, doze (12) reconhecem o sucesso da festa por esta capacidade que o caçapavano tem de ser hospitaleiro e de receber bem:

*“A questão das dificuldades é que um processo que envolve acomodação para dezenas de pessoas, numa cidade pequena como Caçapava, dependendo da época pode ter dificuldade para fazer a acomodação. O que eu presenciei nesta última e nas demais festas, é que mais uma vez ficou caracterizado, e isso superou as dificuldades, é esta tradição que tem o Rio Grande, e Caçapava é muito marcante nisso, no sentido da hospitalidade do gaúcho, daquela disposição que todos nós temos de tratar os visitantes com cordialidade e carinho. Isso, inclusive, é muito importante para uma boa imagem de Caçapava do Sul, Rio Grande do Sul e Brasil” (5.5).*

Já o reforço desta identidade hospitaleira, e do orgulho de ser caçapavano defendido historicamente por Lino Azambuja também foi extravasado ao longo das entrevistas:

*“Eu acho que o orgulho de ser gaúcho é uma das coisas que o Rio Grande do Sul tem de muito especial dentro do seu estado. E Caçapava do Sul, a partir dessas festas do folclore, até não só dos CTGs, mas os CTGs fazem parte de alguma forma, bem ou mal, fazem parte disso. As pessoas começam a se identificar como gaúchos e pessoas que são donas dessa terra. E a Festa Mundial do Folclore vem fortalecer isso, quando as pessoas sentem-se solidárias com os que vêm de fora. São estas trocas de informações. E por serem gaúchos elas tentam transmitir o que acontece aqui com muita veemência, com muita força no que elas querem dizer. Mesmo que seja uma linguagem de sinais, mas perfeitamente compreendida. Acho que a identidade do gaúcho, a forma como ele conduz as coisas, a forma como os caçapavanos se sentem orgulhosos de serem caçapavanos é transmitida assim e com isso a identidade dos caçapavanos se torna algo muito especial para os visitantes (5.5).*

De uma maneira mais sutil, o orgulho de seus feitos históricos e de sua predisposição à amizade, é representado por alguns caçapavanos como uma espécie de contribuição mútua:



**Figura 31 - Mexicanos visitam Escola Estadual Cônego Ortiz**

*“Eu acho muito importante que essas ações de caráter cultural possam ser feitas, especialmente uma cidade como Caçapava que tem uma história importante também, ela não só recebe, mas também pode transmitir. E o outro aspecto é que este festival, ele implica também na participação de Caçapava, do Grupo de Arte Nativa Os Chimangos, em atividades em outros países. Então toda essa interação é, sem dúvida, muito importante para o processo cultural, especialmente de Caçapava”(5.5).*

Como a corroborar nossas interpretações, um visitante estrangeiro deixa muito clara a relação que se estabelece no contato entre pessoas de culturas diferentes, no caso, além da festa promover a cultura local do ponto de vista de quem recebe, também estimula os hóspedes a darem maior sentido para sua própria identidade:

*“Eu acho que vão reforçar sua realidade e vão apreciar mais a própria cultura mexicana, observando com orgulho que os outros países falam de seus próprios, de seus autóctones, do que lhes pertence. Então, estes grupos estão se fortalecendo mais culturalmente, estão se apreciando mais e às próprias maneiras de se viver no México. Fortalece sua cultura, fortalece seu carinho pelo México”(7.5).*



**Figura 32 - Belgas homenageiam confraternização com símbolo brasileiro**

### 9.5.1 A consciência de si e mudança

A análise dos dados reflete não apenas a conformação a um padrão estabelecido de hábitos, comportamentos que comporiam uma noção de identidade cultural, mas aponta também para mudança saudável ou consciência de algo melhor. Tal sentimento decorre diretamente das trocas, dos intercâmbios e da comparação entre os diferentes modos de vida integrados durante o período da festa mundial. Mas até uma transformação, as falas indicam uma construção continuada que passa pela constituição emotiva de uma identidade brasileira, da busca de um conhecimento e conceito local e uma noção de futuro.

Muitos relatos apontaram momentos formais da Festa Mundial como oportunidades carregadas de emoção, nas ruas nos palcos e nas residências. Durante os espetáculos os pontos mais salientados foram a apresentação das delegações, o toque dos hinos nacionais e as homenagens que os grupos fazem ao Brasil ao utilizarem os símbolos nacionais brasileiros em suas danças ou canções:

*“Principalmente aquela abertura, quando toca os hinos é uma coisa que arrepia”(13.D.5).*

*“Os sentimentos ficam à flor da pele e a gente fica querendo que eles tenham a melhor impressão. As gurias então saem na rua e dizem, mãe, que judiaria que a rua está suja. Os estrangeiros vão ver que nossas ruas não estão muito limpas, sabe? A gente começa a olhar mais para a gente, para a nossa casa, como se diz. A gente fica preocupado se os outros vão levar daqui aquela imagem que a gente não queria que levassem, né?”(13.B.5)*



O impacto do contato, do espetáculo e do momento da Festa Mundial do Folclore enquanto celebração da convivência fomenta também um espaço individual onde os cidadãos começam a estabelecer uma nova percepção de sua própria realidade. Se tal fenômeno não acontece como instância totalizadora, pelo menos oferece um posicionamento mais distanciado do dia-a-dia rotineiro, pela preocupação de estarem se defrontado com pessoas com outras experiências estéticas e comportamentais e, por isso, impregnadas de exigências e modelos bastante diversos. Dessa necessidade surge uma nova visão e uma nova relação entre o indivíduo e a cidade ou aquilo que anteriormente era percebido como tal. Ao mesmo tempo em que são estimulados a pensar na cidade, os entrevistados deixam passar também uma identificação nacional:

*“Eu sou extremamente nacionalista. Eu defendo Caçapava, Rio Grande do Sul e Brasil. Tenho isso muito forte em mim, talvez por ter tido esta experiência. Então, eu tenho esta preocupação por bem receber. E me sinto totalmente brasileira, é muito forte”(12.A.5).*

*“Porque aqui, para a festa, a gente é Brasil. A gente não é, até a gente reconhece Rio Grande do Sul e Caçapava, mas a gente é Brasil. Em primeiro lugar é Brasil. País é diferente”(12.B.5).*

Numa abordagem do contato inserido no processo de globalização, Octavio Ianni (1999) informa que o desencadeamento do capitalismo em escala mundial deixa antever em suas condições a reprodução e visualização de desigualdades, carências e inquietações que, por sua vez alimentam antagonismos. A esse efeito iminentemente econômico aliam-se a problemas como desemprego, aspectos raciais,

étnicos, religiosos que acabam estimulando um fechamento das sociedades em xenofobias, racismos etnocentrismos e fundamentalismos.

Não deve caracterizar-se, entretanto uma tensão entre o que é nacional e o local, já que as populações são agora desafiadas a descobrirem as dimensões globais dos seus modos de agir, pensar, sentir e imaginar (Ianni, p.22). A mesma carga negativa que impregnaria a tendência globalizante e a desigualdade dos mercados traz as bases de uma percepção da sociedade global em formação, do que Ianni classifica como uma cidadania em escala mundial.

Num ambiente em que os produtos ficam sucessivamente mais homogeneizados, acessíveis, transnacionais ou desterritorializados, a globalização cultural e o processo de intercâmbio entre pessoas torna-se um universo de diversidades em nada homogeneizado. A própria globalização transforma-se em um horizonte de contradições. Se o processo rima com integração e homogeneização da mesma maneira que combina diferenciação e fragmentação para utilizar termos do autor, seria correto prever que a Festa Mundial novamente antecipou-se à discussão local. Dizemos isso pelos elementos dos quais lança mão em sua história e que coadunam integração e diferenciação, já que assume um caráter amistoso na promoção das relações de integração sociocultural ao mesmo tempo em que incentiva a percepção de diferentes realidades identitárias.

Sob vários aspectos, o enraizamento no lugar e a ilusão da identidade imutável e impermeável às influências já previstas pelo próprio processo cultural pode prejudicar a percepção do que é o outro. Pelas características do processo de

globalização aplicados em nosso ponto de vista, cabe também afirmar que as identidades constantemente recriadas pelo intercâmbio são capazes de valorizar as peculiaridades da mesma maneira em que abrem um espaço para a sua renovação, seja de práticas, interesses, modernização ou melhores condições de vida. Como tal percebe-se em Octavio Ianni:

*“As próprias perspectivas de auto-afirmação, auto-consciência, luta pela emancipação ou desalienação revelam-se enriquecidas e dinamizadas pelo contato, intercâmbio ou contraponto de modos de vida e trabalho, formas de ser e agir, pensar e sentir. As permutas reiteradas ou contínuas, os intercâmbios e as tensões entre formas socioculturais diferentes, entre povos com distintas formas de trabalho, tudo isso tende a potenciar atividades, produções, horizontes”*(1999, p. 31).

Os depoimentos referem-se ao processo de contato entre diferentes etnias e culturas como um momento que exige, tanto a superação pessoal com aprendizado constante de línguas novas, conhecimentos geográficos variados, quanto, também, um percurso inverso. Procuram conhecer-se a si mesmo e aos elementos que compõem sua realidade. Isso fica evidente quando do processo de intercâmbio surgem questionamentos como os relatados a seguir:

*“Aumenta o compromisso, aumenta a responsabilidade, é o país. Tu tem que saber alguma coisa também. (...) Os visitantes têm uma visão bem deturpada do Brasil”* (12.C.5).

Ou ainda:

*“Tua responsabilidade aumenta de mostrar o outro lado do Brasil. A gente procura contar a história da cidade.”*(6.5).

A mudança que remete às referências de uma possível cidadania mundial ou um amplo processo de reflexão e crescimento são extraídos da experiência local com falas como:

*“E depois que eles vão sempre há aquelas discussões sobre o que ficou da festa, os comentários todos. E não sei se é porque eu tive contato, das últimas vezes, com os grupos da Europa, e o poder aquisitivo da Europa é bem mais elevado que o nosso. Então para eles é fácil dizer eu vou conhecer o Brasil. Não é como para nós planejar uma viagem para a Europa. Então causa aquela coisa assim, expectativa de tu te esmerar mais para tu conseguires chegar lá. Se não eu acho... sei lá dá uma mexida. Aquela questão assim: por que no Brasil as coisas são tão mais difíceis? Até em termos de educação também, em termos de escola, voltando assim à época que estávamos viajando com os Chimangos, fomos nos Estados Unidos e aquelas escolas lá tão equipadas e isso já faz quantos anos (!) Então isso faz realmente a gente pensar, assim como experiência própria, sabe? A gente tá lá e vê que naquela época as coisa já estavam muito mais a frente. Nós hoje nos encaminhando para coisas que eles já tinham lá. Então tu já pensas muita coisa.”(12.A.5).*

A noção de que o intercâmbio traz aprendizados interessantes e, sobretudo, oportuniza alternativas de desenvolvimento são destaque nas unidades que integram a categoria:

*“E essa transformação está acontecendo (...) porque há uma integração, principalmente quando vivemos os momentos da globalização, em que está havendo esse intercâmbio cultural e onde a gente convive com pessoas dos mais variados países, culturas totalmente diferentes e a gente tem, assim, uma oportunidade rara de aprender muita coisa. E saber que o desenvolvimento de um povo está*

*totalmente ligado à sua cultura. Quer dizer, precisa de muitos pré-requisitos e um dos principais para se desenvolver é a cultura, sem dúvida nenhuma. E graças a essas pessoas que estão se dedicando a esse trabalho, estão fazendo com que Caçapava se destaque em nível, não só nacional, mas até internacional”(2.5).*

Como parâmetro final para o tratamento de uma identidade encontrada em grande parte no encontro com o “outro”, descrevemos depoimentos que manifestam terem os caçapavanos mudado ao longo do tempo, tanto na utilização e revisão de informações disponíveis numa dimensão de memória coletiva e experiências inovadoras em seu trabalho e convivência, quanto na própria maneira de encarar a si mesmo e sua identidade. O contato do intercâmbio estimula um novo posicionamento na leitura da realidade. Surge um novo olhar sobre a vida e o cotidiano, sobre o que acontece com o indivíduo e as perspectivas da coletividade:

*“Hoje, mais do que nunca, estão se apresentando como caçapavanos porque estão aprendendo mais, identificando mais as coisas de Caçapava e seus pontos turísticos. (...) E tu podes, de alguma maneira, fazer um comparativo sobre como é que estou vivendo? Como as pessoas vivem lá? E tu pode aproveitar tudo isso e modificar alguma coisa dentro da tua casa, no nosso caso aqui a nossa casa é a cidade” (12.5).*

## 9.6 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E A ESCOLA

Ao longo do período em que se desenvolve, a Festa Mundial do Folclore oferece uma série de atividades que são vinculadas simultaneamente a vários espaços

da vida pública e privada da estrutura social de Caçapava do Sul. Parte delas, as categorias descritas e interpretadas anteriormente já esclareceram, como o relacionamento profundo engendrado através da hospedagem familiar, o contato lúdico estético dos espetáculos do Ginásio de Esportes Dr. Cyro Carlos de Mello (o Melão) e o convívio em confraternizações paralelas ao evento ou simples encontros no espaço da rua e comércio.

Um dos eventos programados é uma visita dos grupos a duas escolas de ensino fundamental da periferia da cidade: Escola Municipal Nossa Senhora das Graças que atinge uma clientela de mais de 900 alunos e Escola Estadual Cônego Ortiz que soma atualmente 680 estudantes, onde são apresentadas danças folclóricas pelos visitantes e pelos grupos folclóricos das próprias escolas. Na oportunidade também são realizadas trocas de danças, quando os bailarinos estrangeiros convidam estudantes e membros das comunidades locais para os acompanharem em suas danças. O fato de a própria organização da Festa Mundial do Folclore já ter reservado este momento de intercâmbio nas escolas pode ter influenciado uma visão de que o fenômeno educativo do evento se reduzisse a esta atividade no âmbito do que convencionamos denominar educação formal, ou seja, na escola.

Mas como essa questão pode sugerir alguma tensão entre as duas dimensões (formal e não-formal) do processo educativo, já que as informações apontam para uma falta de percepção escolar sobre os recursos e subsídios educativos oferecidos pela festa, desde já buscamos definir quantitativamente a intensidade dessas abordagens.



**Figura 33 - Mexicanos espalham alegria no desfile para a comunidade**

Dos dezesseis entrevistados, sete fizeram referências diretas e objetivas sobre a sua percepção da Festa Mundial como ambiente educativo independentemente de uma participação da rede escolar. Assim temos manifestações como: *“Nós acreditamos que a cultura tem que fazer parte da educação do povo. É um conjunto”*(2.6). *“A educação não é só entre quatro paredes”* (12.C.6). *“Aquilo é o que acontece fora da aula e a gente comenta que educação não é só na sala de aula. Isso é o outro lado, a parte prática”* (12.B.6). Ou ainda ponderações como a manifestada no relato do comunicador:

*“Eu acho que as questões educativas vêm de todos os lados. Primeiro vamos falar das pessoas que não estão na escola para depois falarmos das escolas. Elas aproveitam lembrando que estiveram aqui chineses, alemães. E cada vez que ouvirem qualquer coisa sobre esses países, seja na TV, no rádio ou jornal, logo elas lembrarão da sua vivência e isso enriquece culturalmente porque tu vais lembrar e*

*te interessar mais sobre aqueles países. (...) Na sala de aula é a mesma coisa. O professor fala algo sobre a China e os alunos já pensam: eu me lembro, na Festa Mundial do Folclore era assim. E acaba gerando discussões sadias (10.6).*

Do ponto de vista de dois visitantes mexicanos a educação instaura-se através dos processos de intercâmbio e deve chegar até a educação formal por via do entusiasmo e da reflexão responsável sobre cada manifestação cultural expressa nas danças e canções.

*“A forma, a questão da educação... Muitas pessoas, jovens e crianças, muitas crianças quando viram o desfile que fizemos em Caçapava, muitas pessoas se entusiasmaram. Muitas crianças desejam já participar de alguma forma na arte e cultura dos intercâmbios culturais e de festivais. Se já têm desejos, então se necessita promover mais a arte de dança, música ou que se toque algum instrumento. Isso é importante promover mais, porque há entusiasmo e a educação se alimenta de entusiasmo, então é necessário fomentar o canto, a música e a dança, que é o rosto bonito da cultura. (...) A arte, a dança e a música são instrumentos de educação, claro que sim. São uma arma maior que uma bomba atômica na psicologia das pessoas”(8.6).*

Integrando um par de manifestações espontâneas que primeiro alude às possibilidades formais oferecidas nos espaços específicos da festa, temos falas que recorrem a questões como a tradicional disciplina mantida pelos Chimangos com relação à pontualidade nos horários dos espetáculos.

*“O que tu vêes em Caçapava que tem horário para começar? (referindo-se à pontualidade característica dos eventos dos*



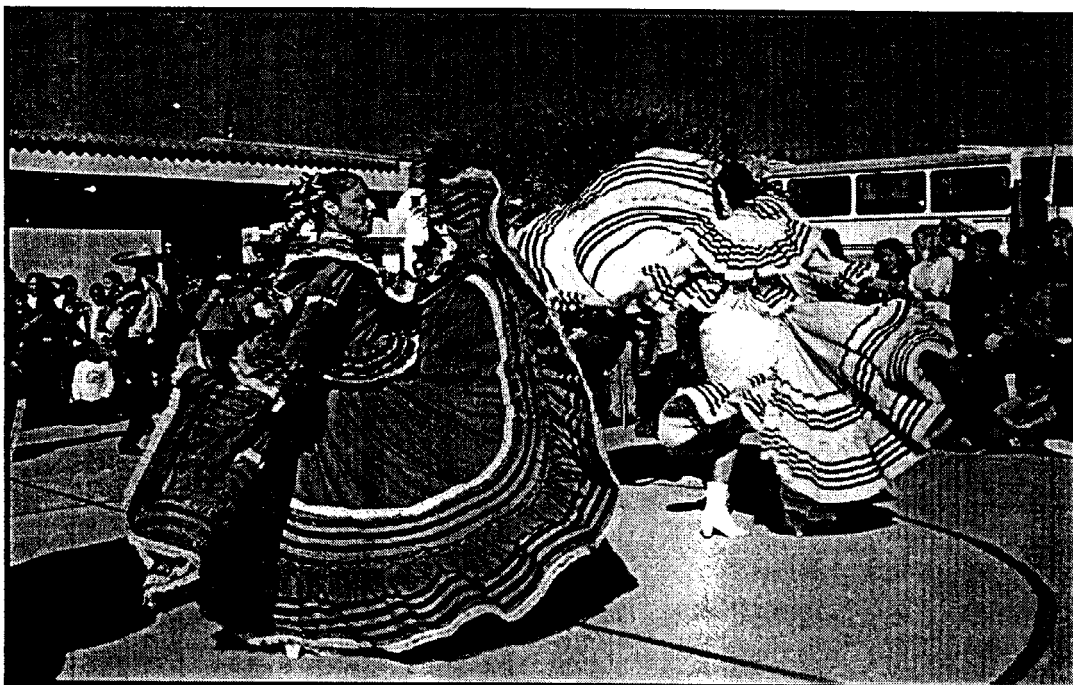
*Chimangos). Ontem eu falava na academia de danças (dos Chimangos) para uma turma de 25 alunos adolescentes, com idade entre 11 e 16 anos, tu tem que ter regras e isso eu acho que a gente traz e a festa também traz. Tu já viu o povo na festa, tu já viu eles assoviarem? Assoviar que eu digo é... eles batem palma são animados. Que povo educado o povo caçapavano. Eles vão, eles comentam sobre a coreografia, sobre a roupa. Eu acho que o pessoal está mais crítico e sabendo o que é bom e o que é ruim. Eles estão vendo o que não é legal (...) Isso está aguçando um pouco mais o público. Eu não sei se isso é só na festa, mas eles sabem escutar, sabem entender, chegam na hora porque sabem que começa na hora.” (6.6).*

Aqui expõe-se uma abordagem da educação encarada como bom comportamento coletivo da assistência que teria deixado orgulhosos os organizadores e a própria comunidade. E, ainda, uma relação educativa estabelecida pelo grupo organizador por intermédio de uma academia de dança e folclore, onde são reunidos crianças e jovens adolescentes em aprendizado constante a fim, como afirmam os diretores do grupo, de manter intactas as manifestações culturais até a próxima geração.

Os depoimentos restantes não abordam espontaneamente nenhuma posição frente ao assunto que já não tenha sido relatada. Mas quando instigados ou induzidos a sugerirem possibilidades educativas além de uma conceituação formal dentro da estrutura do evento, apontam inicialmente as visitas dos grupos às escolas e momentos de confraternização como o desfile de abertura da Festa Mundial, onde aproximadamente 700 pessoas percorreram a rua principal da cidade representando grupos de festas específicas, escolas e entidades culturais e tradicionalistas

convidadas. O aspecto educativo fica novamente por conta do contato direto que todas as camadas sociais tiveram durante o encontro das delegações ao longo e ao final do desfile no Forte Dom Pedro II.

### 9.6.1 Visita às escolas



**Figura 34 - A dança frenética dos vestidos prende atenção de comunidade escolar**

O momento mais lembrado e discutido como referência ao ambiente escolar foi o das visitas realizadas pelo estrangeiros à Escola Estadual Cônego Ortiz e Escola Municipal Nossa Senhora das Graças. No ano 2000, os grupos da Bélgica e Argentina, por contingência de horários e agenda de viagens já haviam se retirado da cidade, por isso, somente os grupos mexicanos apresentaram-se nas visitas escolares.

Mas nas duas escolas foi significativo o contato e o fluxo de público, a julgar pelos elogios colhidos nos relatos dos professores daquelas comunidades:

*“eu acho significativa porque a nossa clientela que é uma clientela de baixo poder aquisitivo, nem todos têm o privilégio de assistir os shows, até porque tem que pagar não é? Mas no momento que quem coordena a Festa Mundial do Folclore, nas edições que tiveram aqui na escola, eu achei importante porque ofereceu ao aluno de nossa escola o direito de ter também aquele conhecimento da cultura de outros povos. Isso é uma interação que aconteceu três vezes aqui, de 96, 98 e 2000, conforme os registros, que foi uma integração que envolveu toda a comunidade de amigos, pais, estudantes e professores e todos gostaram porque conheceram um pouquinho mais também. Eu me recordo que todos queriam bater fotos com os visitantes, os visitantes queriam levar fotos nossas, eles pediram para levar letras de músicas nossas. Então eu achei uma coisa de significado muito importante para a educação do município, no caso, e para o enriquecimento nosso, também, não só do alunos, dos pais, da comunidade, mas também do professor”(12.C.6).*

Integrantes da própria visita e espetáculo nas escolas, alguns elementos trazem um valor maior para as relações que se estabelecem tanto no presente quanto para o histórico de interações que já aconteceram por intermédio da Festa Mundial. Um exemplo disso é o potencial de elevação de auto-estima para estudantes de famílias de baixo poder aquisitivo.

Um ambiente de exclusão social dificulta a extração e construção de significados provenientes das experiências, já que elas vão reduzir-se invariavelmente às poucas oportunidades oferecidas pela periferia. Tal redução de

perspectiva não diz respeito apenas às possibilidades de presenciar espetáculos artísticos, culturais, mas também sob o ponto de vista do consumo. Afinal, tomar posição e fazer escolhas, sejam elas elevadas a uma dimensão estética ou simplesmente a opção por um determinado programa de computador, implica que o indivíduo tenha tido condições de conhecer o objeto de suas questões, de sua dúvida. Essa limitação na realidade vivencial da periferia impõe-se com evidência no relato do professor:

*“Inclusive, teve muitas crianças me procurando felizes: bah, professor a minha foto foi lá para a Europa. Eu fui no filme lá para a Europa, porque filmaram não é? gravaram na filmadora. Eu estou na Europa, eu sou importante, sou do mundo agora. Então isso aí também despertou a auto-estima das crianças. Porque no momento que o pessoal deixou a foto deles aqui, os outros grupos, eles também levaram dos nossos, houve a troca também”*(12.C.6).

Tão importantes são seus efeitos que são considerados pela teoria construtivista sociocultural, particularmente numa interpretação de A.I.Pérez Gómez (2001), como o segundo aspecto destacável entre as atitudes, disposições ou carga afetiva que regem os recursos cognitivos. Para ele, a auto-estima ou autoconceito são absolutamente determinantes nas projeções futuras e capazes de ampliar ou restringir o sucesso escolar, assim como também influenciar no desenvolvimento da personalidade e da saúde mental:

*“É evidente que, nos ambientes sociais mais desfavorecidos, as interações das crianças com seus adultos mais significativos se impregnam, de modo geral, do pessimismo que rodeia as peculiaridades existenciais da família e do grupo marginalizado socialmente, e é fácil compreender que essa interação de desengano, frustração e desesperança se*

*interioriza como vivência de auto-estima deteriorada. Convém não esquecer que o nível de expectativas sobre o êxito ou fracasso das atuações futuras na escola e na sociedade é um dos fatores-chave na determinação do êxito acadêmico ou profissional” (2001, p.233,234).*

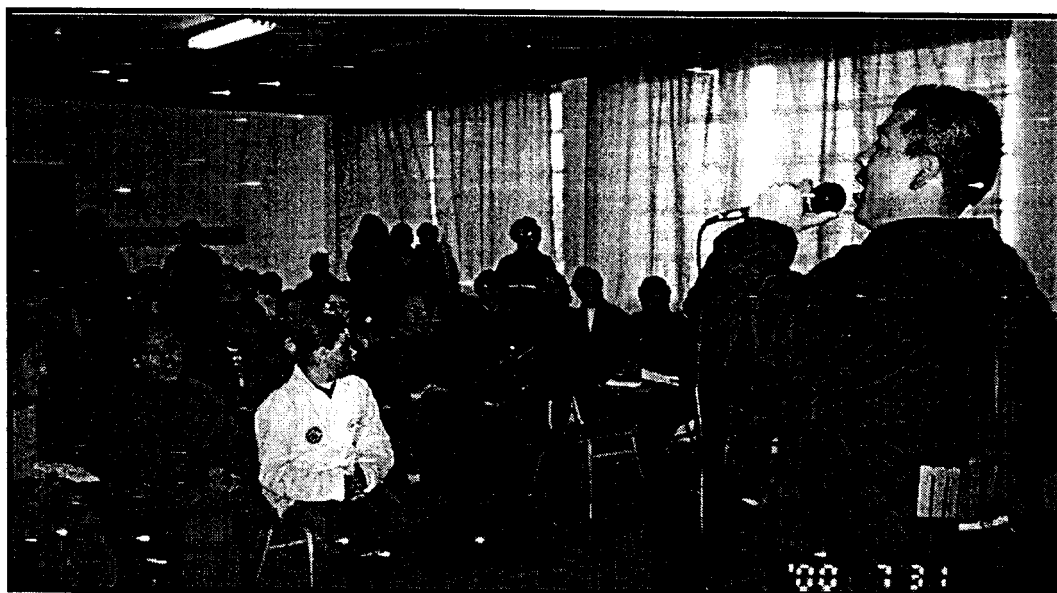
É sempre importante para a escola poder oferecer oportunidades para que os alunos somem experiências corporais, atividades artísticas para uma percepção do mundo físico na construção de seus significados, compondo a sua cultura experiencial. É importante salientar a complementaridade da teoria da construção dos significados de Bruner relatada em Pérez Gómez: “a experiência ativa, a observação icônica e a transmissão simbólica na comunicação interpessoal são vias de acesso para a elaboração de significados, que se oferecem de forma simultânea em qualquer contexto vital, embora com grau de relevância e intensidade variados” (2001, p.: 256). Devido à intensidade como foi manifestado o contato e as disposições emotivas geradas no ambiente de intercâmbio relatado, trazemos ainda o relato que dá uma dimensão da capacidade estimuladora de novas perspectivas para os alunos:

*“eu acho interessante nas visitas que ocorrem na escola é a troca de danças. Depois que os grupos fazem as apresentações eles fazem uma troca de danças, onde toda a comunidade dança junto. Então, é uma forma que eles se sentem valorizados por dançar juntos (...) Uma coisa que eu senti no pessoal do grupo de dança da escola foi a auto-estima deles que aumentou. Ao ver aqueles grupos aqui e perceber que um dia, quem sabe, eles não poderão estar fazendo parte, indo a outro, não digo a outro país, mas até a outra cidade divulgar o trabalho deles também. Aquilo ali proporcionou a eles assim: eu também posso” (12.A.6).*



**Figura 35 - Escolas também apresentaram folclore gaúcho para visitantes**

Em que pese as formulações estabelecidas sobre a auto-estima ao longo de nossa interpretação, é evidente, entretanto, que a experiência oferecida pode ser insuficiente para garantir qualquer nível de satisfação pessoal que leve o indivíduo a uma profecia de sucesso. O fato é que relatamos uma oportunidade em que tal aspecto teve condições de ser experimentado e, com isso, encontramos resultados já satisfatórios, o que, por sua vez, nos inspira a sugestão de que tal prática possa ser repetida reiteradas vezes, em outras situações ou ampliada a fim de incluir outras escolas.



**Figura 36 - Mariachis mexicanos em encontro com professores da Escola Cônego Ortiz**

As referências ainda revelaram uma grande satisfação e, até agradecimentos, por parte das famílias pelo breve convívio estabelecido com os visitantes. Os professores descreveram ainda um sentimento de valorização da comunidade pelo fato de terem participado do evento num passo além do papel de espectador: com a troca de danças, sentiram-se participantes do momento de intercâmbio.

### **9.6.2 Recursos e espaços da festa**

Depois de reconhecer e reafirmar que a educação acontece fortemente pelo vínculo informal da convivência, os dados recolhidos do grupo de indivíduos que integram a pesquisa, passam, num segundo momento, a identificar uma série de oportunidades educativas inseridas sutilmente na festa Mundial do Folclore, mas que se mostram como possibilidades reais para o ambiente escolar. Dessa maneira

registram-se sugestões que visam trabalhar aspectos interdisciplinares capazes de ligar assuntos como matemática, línguas estrangeiras, história geral, geografia e ensino religioso através da temática da Festa Mundial do Folclore. Tudo isso sem relegar as possibilidades oferecidas pelos trabalhos artísticos, cuja prática pode fomentar ligações estéticas entre todos estes campos, com a vantagem manifesta de que os alunos em questão teriam condições de evidenciar na realidade o objeto de seu estudo, mantendo com ele possibilidades de interação, como relatado nas visitas. Os registros começam pela noção de realidade que os temas podem aproximar:

*“Falando da minha área, no caso, que trabalho com língua portuguesa e língua estrangeira, então isso aí, imagina para eles que têm uma sala de aula com poucos recursos e poucos livros, de repente se deparam com uma pessoa falando outra língua ou a própria língua que eles estão tentando aprender. Porque até então eles ficam pensando para que estudar outra língua?” (12.B.6).*

Outros relatos já demonstram os únicos registros de trabalhos concretos encontrados pelo estudo, ambientados na Escola Cônego Ortiz:

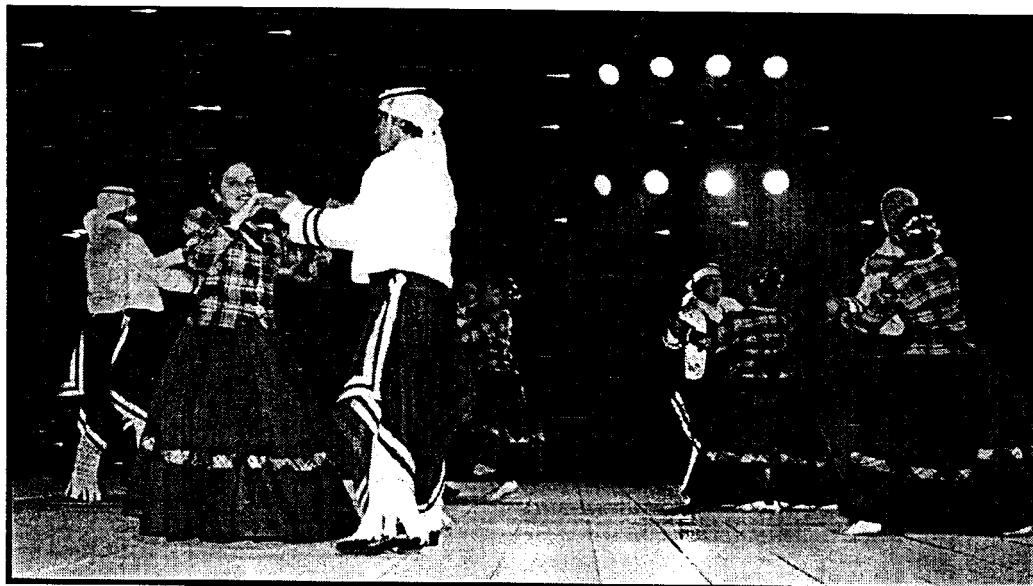
*“Durante o mês de julho e agosto, que era quando eles estiveram por aqui, foi feito um trabalho diariamente dentro de algumas disciplinas. Por exemplo, na educação artística, eles trabalharam as bandeiras, os Hinos, sempre fazendo um paralelo entre o país, o povo que estava trabalhando e o Brasil. Eles inclusive fizeram uma pintura nos corredores da escola, nas cores dos países. Dentro da Disciplina de história, foi trabalhado aspectos de localização, dos costumes, culturas, países. Houve uma mobilização muito grande tanto nas classes quanto extra-classe, com os professores e com os alunos. E ainda, também, houve uma réplica dos acontecimentos, por exemplo,*



*com o pré, a professora fez um grupo com danças do México, com roupas semelhantes com as do México. E também já fizemos com danças argentinas, com o primeiro grupo de danças da escola que até participou de outras atividades no município, que era do folclore do norte da Argentina. Então o folclore também é trabalhado na escola”*  
(13.B.6)

Destacamos um relato de alguém que, mesmo sem ser professor aponta e amplia a possibilidade de contato entre os estudantes caçapavanos e uma pessoa de outra cultura, de outra nacionalidade, inclusive distinguindo possibilidades de mudança ou transformação:

*“As crianças principalmente têm. Claro que os professores também, mas quem mais aproveita são as crianças. Quando nós vimos um estrangeiro na nossa frente? É claro que tem muito mais festa, tem muito mais acesso a tudo hoje. Pensa naqueles piazinhas que vêm na televisão o país tal e, de repente, na frente deles, alguém de um país que eles viram num livro, na televisão. Nós não, a gente só imaginava. E Eles vêm, sentem a realidade, isso eu acho importante. E também para que eles desenvolvem a vontade de determinadas coisas. Que eles tenham vontade de ir para Argentina e pensem: mas como que vou fazer isso? Mas se ele conhecer alguém de lá, ficar amigo de alguém tudo vai ficar mais fácil, através do intercâmbio, dentro daquela amizade. Quando eu for para Argentina, ah, eu tenho um amigo lá. Tu vais ter com quem te encontrar, vai ter quem te receba, vai ter quem te escreva, troque idéias, que tu fiques te correspondendo com aquela pessoa e fiques aprendendo muito do país dele. Isso acontece. Se quiseres podes fazer isso”* (11.6).



**Figura 37 - Academia de jovens Chimangos também tem espaço na Festa Mundial do Folclore**

Apesar das sugestões terem sido prolíferas, as fontes de nossa pesquisa reconhecem que muito pouco do que ponderam como utilidade e subsídio para a educação é utilizado pela rede caçapavana de escolas, seja municipal, particular ou estadual. Tal constatação emerge de manifestações como: *“Eu acho que poderia haver mais envolvimento das escolas”*(13.B.6). *“A gente vê que o povo apóia. O povo é assim, é ansioso, quer conhecer. Mais do que o professor ou do que a escola”*(13.B.6). *“Eu acho que eles ainda não perceberam o que a festa pode trazer para a educação”* (6.6). *“Eles só pensam na festa. Como um momento é ir lá assistir e acabou. Eu acho que é a conscientização do pessoal que falta. E eu acho que não deveria existir essas coisas só durante a festa, precisa ter uma preparação preliminar”* (11.6). Ao todo foram notadas dez expressões específicas nesse sentido.

### 9.6.3 Como desacomodar a escola?

Vários são motivos que determinam uma espécie de neutralidade das escolas frente a um assunto que sugere tanta criatividade e se insere numa discussão tão contemporânea como a temática da identidade, da globalização e das relações multiculturais. O principal deles parece ser o excessivo zelo por práticas tradicionais de ensino aprendizagem que fazem com que o teor relatado pelos participantes não seja comungado ou percebido pelo conjunto do magistério local. Outra abordagem, em parte decorrente da primeira, indica que a causa da ausência de trabalhos e de apropriação útil da experiência da Festa Mundial do Folclore decorre da acomodação dos professores, que para configurar esta situação se encontrariam desinformados e sem vontade de participar. Outras leituras apontam uma falta de incentivo do conjunto oficial da educação aqui compreendido pelo sistema de ensino, seja ele municipal ou estadual. Há ainda os que reclamam maior inserção do grupo promotor do evento nas escolas a fim de exercer atividade mobilizadora, mas vamos abordar tais questões levando em consideração as atividades que julgamos, pela epistemologia adotada por este trabalho, ser a finalidade da escola e das práticas recomendáveis no contexto de interações oferecido.

As primeiras manifestações contra a situação apática da escola, pelo menos no que se refere ao conteúdo de nosso trabalho, vieram de afirmações da comunidade. Pela nossa interpretação, o comunicador entrevistado acredita que as escolas em geral deixaram de exercer sua função de incentivo cultural, como se não reconhecesse seu papel perante os fenômenos produzidos no campo social:

*“Acho a escola muito pobre no sentido de trabalhar o aluno com a questão externa. Não só a Festa Mundial do Folclore, mas a FarrapoFesta, A Festa do Divino, a Festa das Etnias que também acho importante. Eu acho que as escolas estão deixando muito a desejar nesse ponto. Tu não vê as escolas buscarem a informação, tu vê é a organização da festa levar a informação, poderia ser o contrário. A escola está se colocando como cliente. Eu acho que deveria ser o contrário, eu acho que a escola deveria ser integrante e não apenas esperar pela informação”(10.6).*

Nesse mesmo sentido manifestações de professores apontam para uma estado de acomodação no magistério:

*“Porque isso aí é uma coisa muito complicada. Isso exige que a pessoa se dedique e que antes de tu passar para o teu aluno, tu tem que saber, tu tem que estar por dentro e estar envolvida. Como é que tu vai fazer um todo se tu mesmo não está envolvido? Acho que em primeiro tu tem que te envolver. É a mesma coisa com a história do jornal, antes de tu querer que teu aluno leia, que ele esteja informado, tu tem que estar informado, começar por ti. Como é que tu vai querer fazer um coisa que não acontece contigo? Por isso que em muitas escolas isso não dá certo porque a direção, professores não estão envolvidos. Como é que vai passar para a comunidade, para o aluno alguma coisa que ele próprio não acredita, não faz”? (12.B.6).*

Destacamos manifestação de outro professor que colabora em sentido: *“Nesse caso é bem por aí, existe uma acomodação dentro do magistério. Está faltando conhecimento ao professor do que a festa pode gerar neste contexto todo. Se o professor não for o gerador disso dentro da escola, quem vai ser?” (12.A.6).*

Ao mencionarem a ausência de conhecimentos para a elaboração de uma fundamentação instigante e motivadora de suas classes, alguns relatos apontam para a falta de estímulo, que, na sua interpretação necessita ser externo. A motivação serviria como convite ao trabalho ao mesmo tempo em que forneceria melhores informações sobre a temática. São sete os depoimentos que suscitam a necessidade de apoio mais efetivo às escolas. *“Eu acho importante tu veres lideranças em cada escola. E essa liderança que está lá, ser motivada para motivar o resto”*(13.A.6). Um dos relatos traz uma versão um pouco mais política: *“Quando o assunto é de certa importância ele vem com mais força para que a gente possa trabalhar sobre o tema”* (13.B.6).

É nesse momento que se inscreve, novamente, uma noção já relatada de cultura experiencial ou de fomento a uma necessidade urgente de descobrir a escola como local onde devem ser proporcionadas experiências de aprendizagem, capazes de adotar, discutir e prever as novas noções que integram vida, conhecimento, relações interpessoais e a auto-construção. Levando em consideração tal perspectiva, o relatório da UNESCO (1999) aponta, no início de sua abordagem sobre os pilares de uma educação para a paz mundial, uma das principais funções das políticas educativas. Além dos processos de enriquecimento dos conhecimentos, é preciso privilegiar a construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações. Isso significa compreender os princípios de “aprender a ser” e “aprender a conviver” que, aliados à necessidade de “aprender a fazer” e “aprender a aprender” completam os quatro pilares da educação (De Loris, 1999). Sustentando que os cidadãos gerados no seio da globalização e devido ao acesso imediato e facilitado aos meios informativos, vão ser encorajados a aproveitar as ocasiões de aprender o que

for oferecido, não apenas num período determinado de sua formação, mas ao longo de toda a vida. O que significa que se espera muito dos professores, já que deles depende, em grande parte a concretização desta aspiração

*“Mas a modificação profunda dos quadros tradicionais da existência humana, coloca-nos perante o dever de compreender melhor o outro, de compreender melhor o mundo. Exigências de compreensão mútua, de entreatajuda pacífica e, por que não, de harmonia são, precisamente, os valores de que o mundo mais carece. Esta tomada de posição levou a Comissão a dar mais importância a um dos quatro pilares por ela considerados como bases da educação. Trata-se de aprender a viver juntos, desenvolvendo o conhecimento acerca dos outros, da sua história, tradições e espiritualidade. E a partir daí, criar um espírito novo que, graças precisamente a esta percepção das nossas crescentes interdependências, graças a uma análise compartilhada dos riscos e desafios do futuro, conduza a uma gestão inteligente e apaziguadora dos inevitáveis conflitos, Utopia, pensarão alguns, mas utopia necessária, utopia vital para sair do ciclo perigoso que se alimenta do cinismo e da resignação.”*  
(DeLors, 1999, p.19)

Por outro lado não há como perceber qualquer possibilidade de avanço para um procedimento educativo aos moldes do que se exige sem interpretá-lo no campo das relações pedagógicas e, como tal, na área de interesse e trabalho dos docentes. É certo que muito ainda falta ao sistema público de educação que seja condizente às atuais transformações da sociedade e da cultura. É mister integrar a esse pensamentos um correspondente aparato técnico, espaços, qualificação profissional e valorização pessoal do magistério, o que inclui políticas salariais e sua correspondente motivação e auto-estima. Mas como defende Hugo Assman (1996) não se pode diminuir o essencial papel de uma reinterpretação pedagógica ou de um “*pivô pedagógico*”(1996, p.18) a ser localizado nas experiências do prazer, na experiência

de conhecer e ser reconhecido nas vivências de aprendizado como algo que faz sentido e é humanamente gostoso.

Mas as dificuldades encontradas no contexto nacional não deve dissuadir ou protelar ações que visam preparar uma sociedade inteira para um futuro que já chegou. Para Pérez Gómez (2001) é necessário analisar os valores que definem o atual panorama sociocultural mundializado e sua progressiva abrangência, ao lado da deterioração da modernidade, e de sua mais apreciada ferramenta: a escola. A falta de atenção a esta realidade pode relegar este ambiente de geração à *“função social de classificação e creche, sem interessar demasiado o abandono de sua função educativa”*(2001, p.11). A um novo modelo de relações sociais, de estabelecer intercâmbios a distância, a uma nova configuração de espaço e tempo e à emergência de um novo cidadão deve corresponder um novo modelo de escola.

*“Um dos aspectos mais relevantes deste momento de transição e mutação substancial da cultura pública é, precisamente, a recuperação da interpretação cultural da vida social como eixo de compreensão das interações humanas. É particularmente importante essa interpretação culturalista”* (Pérez Gómez, 2001, p.11).

Ora, também não precisamos ser ingênuos ao assumir a perspectiva de que o sistema educacional enfrente tal perspectiva com facilidade e rapidez. Contudo, não é possível encarar com naturalidade e resignação um corpo docente perdido em elucubrações negativistas e aqui se faz uma referência ao conjunto brasileiro e não apenas às dificuldades contatadas na atual experiência. Assim, concordamos com Assman (1996) quando salientou a necessidade de reencantar a educação através de uma mudança conceitual, por uma abordagem capaz de inverter a percepção de um

educação fechada e centrada em processos de transmissão instrucional de saberes já prontos, para a valorização das experiências de aprendizado.

Tais premissas parecem, entretanto, não estarem totalmente ausentes do conteúdo relatado pelos participantes da pesquisa, uma vez que percebem tal realidade e agem como a identificar as saídas possíveis ao que convencionaram de acomodação ou falta de incentivo. A principal alternativa identificada pelos professores é a união. Cinco manifestações apostam na possibilidade de reunir o grupo promotor, direções de escolas e seus professores e, ainda, o setor oficial da rede escolar a fim de apresentarem uma proposta de potencialização das dimensões relatadas pela pesquisa e reconhecida em sua experiência.

*“Mas os professores não pensam se o pessoal dos Chimangos não pensam, então pode ficar pior. Eu acho que vai ter que ter uma união, sabe, Chimangos, professores, secretaria, sei lá. Mas eu acho que é uma questão assim ó: para nós pensarmos e a gente propor isto aí. Porque pode ser aproveitado”(12.A .6).*

Mais uma vez nos inspira a idéia de que o processo de convivência e de reconhecimento do outro inicia necessariamente por uma tomada de consciência a partir do local. Como no presente exemplo de uma saída pela união, temos a disposição manifesta de um trabalho, um projeto conjunto, instrumento já apontado por De Lors (1999) como vias complementares. *“Num primeiro nível a descoberta do outro. Numa segundo nível, e ao longo de toda a vida, a participação em projetos comuns, que parece ser o método eficaz para evitar ou resolver conflitos latentes”* (1999, p.97).





Figura 38 - Chimangos dançam folclore paraguaio em galopera

## CONCLUSÕES

Ao longo do presente trabalho buscamos compreender as influências da Festa Mundial do Folclore enquanto evento que reúne uma média de 150 estrangeiros provenientes da Ásia, Europa e América Latina para uma convivência profunda de mais de quinze (15) dias em residências de famílias na cidade de Caçapava do Sul. O ambiente em que foram circunscritas tais informações, ainda que de foco reduzido para a viabilidade da pesquisa, ampliou-se a uma realidade mundial uma vez que tal fenômeno apresentou indícios muito fortes de ser um ensaio de convivência e de respeito entre diferentes culturas e etnias, exatamente quando a globalização impõe tensões graves de ordem ética, moral e política, amplamente remetidas ao campo da educação.

Emergem dos dados a importância das emoções e de uma libertação do tradicional claustro onde se encontravam, fortemente subjugadas pelo domínio da razão. A experiência direta do convívio dos personagens do estudo instauraram a amizade como evidente meio pelo qual se iniciam os processos de comunicação e aprendizado, como a indicar diretamente a assertiva de Bruner (2000) quando

reconhece que a marca dos agentes humanos é que seus atos não são produzidos por forças como a da gravidade, mas por estados intencionais que revelam desejos, crenças, emoções ou compromissos. Assim ligam-se numa mesma rede de inter-relações a afetividade, a cooperação e o interesse em conhecer, dando início a um intenso processo de educação assistemática.

O ambiente sempre conflituoso das diferenças é pacificado pela educação, aqui catapultada pela amizade num claro movimento de superação das dificuldades e limites, problemas que servem para os envolvidos na Festa Mundial do Folclore como combustível do fenômeno de aproximação e intimidade que alcançam em suas relações. A necessidade de ultrapassar as barreiras da linguagem, da etnia e das diferenças culturais, na busca do entendimento, faz com que os participantes do intercâmbio criem um vínculo de colaboração e reciprocidade – contexto onde explode o caráter cognitivo da sua convivência e apreensão de significados. A aproximação de todos esses elementos numa experiência de aprendizado eleva o valor que os participantes atribuem ao influxo comunicativo, lançando-o ao caráter do inesquecível e inestimável.

Ao estudarmos as origens do evento, foi necessário e construtivo elaborar um percurso histórico que permitisse entender como os caçapavanos encontraram a fonte das referências ou justificativas para tamanha propensão ao encontro. Isso resultou em duas perspectivas que levam a uma visão de si e de suas possibilidades de transformação e a uma esperança econômica marcadas diretamente pelo processo histórico. A interpretação das informações disponíveis aponta a eficiente ação da Festa Mundial do Folclore na elaboração e reelaboração individual e coletiva de

identidades locais, mas numa profunda relação de dependência e compromisso com o entorno. Ampliam-se os horizontes dos participantes na mesma medida em que tomam consciência de si através da alteridades de seus visitantes, de cuja convivência extraem, entretanto, noções novas que revelam uma mudança de comportamento e uma nova percepção de seu ambiente. A reflexão assume seu caráter mais abrangente quando o grupo reconhece a participação da Festa Mundial na construção de sua história social. Tanto no que lhes concerne a uma busca de registros oficiais e influências do censo comum quanto das relações com seus vizinhos, com a calçada da sua rua e com o que apresentaram como uma imagem positiva da cidade frente ao conjunto da exploração comercial ou turística.

A maior evidência, entretanto, é que numa comunidade pequena, isolada por referências geográficas pouco conhecidas do país, mas amplamente potencializada pelo contato intercultural inerente ao próprio fenômeno do globalismo, instaura-se como exemplo direto de manifestação a ser ampliada e assumida pela rede formal de ensino uma vez que reúne em seu bojo ações e recursos que inserem-se nas principais recomendações da UNESCO (1999) para a educação e para a escola do novo e ainda confuso paradigma sociocultural global. Aprender a ser e aprender a conviver em conjunto, em harmonia, são dois dos mais apontados aspectos identificados nos relatos que resultaram do esforço de pesquisa organizada por Jacques De Lours. Isso confere uma maior abertura de possibilidades e subsídios da Festa Mundial para o ambiente das relações de classe na educação formal. Fato destacado pelos participantes como uma necessidade de unir-se frente ao novo, um espaço já comprovado de auto-estima, de participação e de profunda significação

para a construção de um ser humano autônomo mas consciente de sua possibilidade de solidarização.



**Figura 39 - Folclore gaúcho é aplaudido na 5ª Festa Mundial**

A Festa Mundial do Folclore, configura-se, por fim, um ambiente suspenso de temporalidade, impregnado de uma celebração programada e esperada, onde acontece o sonho humano (e porque não dizer desafio?) da convivência, da colaboração. Esse momento eterno é lançado a níveis superlativos pela ação dos ritos que tanto servem para orientar a preservação da estrutura social como uma realidade compartilhada, quanto para promover mudança num círculo alimentado pelas relações entre os indivíduos e o meio ambiente.

O mais irônico dos resultados, e que pode resumir o caráter exótico ou paradoxal do advento da globalização, é que o efeito mágico da celebração, gerador de novos valores e conhecimentos é atribuído ao estímulo da emoção num ambiente

familiar. Ou seja, em plena vigência de um comportamento de competitividade e de um panorama geopolítico em que se desfazem a influência dos Estados-nação ao mesmo tempo em que o homem apressa seu pertencimento à aldeia global, muitas respostas para o futuro e para paz mundial podem estar dentro de nossa própria casa.

Temos, então, na parede dessa residência caçapavana um quadro de família onde cabem outros mundos. Nele há hóspedes estranhos e estrangeiros, mulheres, homens, crianças. Avós, pais e netos, todos coloridos pelas simpáticas tonalidades da amizade. Só uma moldura poderia reuni-los fora de um ambiente de competição desportiva ou de contendas formais: o amor

Dar vida e forma a uma dimensão educativa da Festa Mundial do Folclore a ser apropriada nas escolas, configura-se, portanto, em nossa principal sugestão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAÃO, N. S. *História do município de caçapava do Sul – lendas, folclore e turismo*. 3. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1992.

ASSMAN, H. *Metáforas novas para reencantar a educação*. Piracicaba: Unimep, 1996.

BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. 30. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Realidade mental, mundos possíveis*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. *A cultura da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

CASTRO, M. L. S.. Metodologia da pesquisa qualitativa: revendo as idéias de Egon Guba. In ENGERS, M. E. (Org). *Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação – notas para reflexão*. Porto Alegre: EDIPUC, 1994.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

\_\_\_\_\_. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DE LORS, J. *Educação um tesouro a descobrir - relatório para a UNESCO*. 3. ed. São Paulo: Cortez, Brasília DF. MEC. UNESCO, 1999.

DEWEY, J. *Vida e educação*. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

- DURKHEIM, E. *Educação e sociologia*. 8. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia*. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREITAG, B. *Escola, estado e sociedade*. São Paulo: EDART, 1978.
- FORQUIN, J. C. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- GADOTTI, M. *Diversidade cultural e educação para todos*. Rio de Janeiro: Graal, 1992.
- GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- GOLIN, T. *A ideologia do gauchismo*. 3. ed. Porto Alegre: TCHE, 1983.
- GRAMSCI, A. *Os Intelectuais e a organização da cultura*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- IANNI, O. *A era do globalismo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- JACKS, N. *Mídia nativa: indústria cultural e cultura regional*. Porto Alegre: Editora Universidade / UFRGS, 1998.
- LIMA, L. O. *Mutações em educação segundo Mc Luhan*. 18. ed. Petrópolis/ RJ: Vozes Ltda, 1985.
- MAINHEIM, K.; STEWART, W. *Introdução à sociologia da educação*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- MARTINEZ, M. M. *La investigación cualitativa etnográfica en educación: manual teórico - práctico*. 2. ed. México: Trillas, 1994.
- MATURANA, H. *Emoções e linguagem na educação e na política*. 3. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- MIZUKAMI, M. G. N. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- PESAVENTO, S. J. *História do Rio Grande do Sul*. 5. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- RESTREPO, L. C. *O direito à ternura*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.



SANTOS, J. L. *O que é cultura*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

McLAREN, P. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

SATRIANI, L M. L. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1986.

SNYDERS, G. *Alunos felizes - reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

## OBRAS CONSULTADAS

ALVES, R. A. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 13. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1985.

APPLE, M. W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

BOEIRA, N. et al. *RS: Cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BOSI, A. *Cultura Brasileira - Temas e situações*. São Paulo: Ática, 1987.

BOURDIEAU, P. A escola conservadora. *Educação em Revista/ UFMG*, Belo Horizonte, n. 10 p.3-15, dez. 1989

BRANDÃO, C. R. *O que é folclore*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CABANAS, J. M. Q. *Teoría de la educación - concepción antinómica de la educación*. Madrid: Dykinson, 1988.

CARVALHO, A. D. *Epistemologia das ciências da educação*. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 1988.

CARVALHO, E. A. As relações entre educação e os diferentes contextos culturais. *Didática -UNESP*, São Paulo, n. 25, p. 19-26, 1989.

CHAUÍ, M. *Cultura e democracia*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

CLAVAL, P. *A Geografia cultural*. Florianópolis: UFSC, 1999.

COTRIM, G. *Fundamentos da filosofia - ser, saber e fazer*. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. *Relativizando - uma introdução à antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

D'AMBRÓSIO, U. *Globalização e multiculturalismo*. Blumenau: FURB, 1996.

DEMANGE, N. J. Transferência cultural: a educação num contexto de globalização. *Pró-Posições*, Campinas, v. 15, n.315, p. 19-23, nov. 1994.

DEMO, P. *Pesquisa: princípio científico e educativo*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

DUARTE, F. *Global e local no mundo contemporâneo: integração e conflito em escala global*. São Paulo: Moderna, 1998.

FEATHERSTONE, M. *Cultura global - nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

FERNANDES, F. *O Folclore em questão*. São Paulo: HUCITEC, 1978.

FERNANDES, R. N. A escola como instituição cultural. *AMAE Educando*, v. 20, n. 1, p.146-148, 1987.

GANDIN, D. Escola e cultura: uma forma de ver a questão e algumas propostas. *Contexto e Educação*, Ijuí, n.5, p.09-18, jan/mar. 1987.

GALEANO, E. *Patatas Arriba - La escuela del mundo al revés*. 2. ed. Montevideo: Libreria América Latina, 1998.

\_\_\_\_\_. *O livro dos abraços*. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 1997.

GALLAGHER, W. *Identidade - A genética e a cultura na formação da personalidade*. São Paulo: Ática, 1998.

GIROUX, H. *A Escola crítica e a política cultural*. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1987.

GOLIN, T. *Por baixo do poncho - contribuição à crítica da cultura gauchesca*. Porto Alegre: TCHE, 1987.

IANNI, O. *Teorias da globalização*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1997.

MARQUES, M. O. Educação e contexto cultural. *Contexto e Educação*, Ijuí, n.5, p. 19-26, Jan/Mar. 1987.

ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira - cultura brasileira e indústria cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SILVA, L. H. et al. *Identidade social e a construção do conhecimento*. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Educação de Porto Alegre - Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1997.

SANTOS, M. et al. *O novo mapa do mundo - fim de século e globalização*. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SERRANO, M. G. P. *Investigación aplicaciones al campo social y educativo*. Madrid: Dykinson, 1990.

TEODORO, M. L. Identidade, cultura e educação. *Cadernos de Pesquisa* - Fundação Carlos Chagas, n. 63, p. 46-50, nov. 1987.

TOURAINÉ, A. *Igualdade e diversidade: o sujeito democrático*. São Paulo: EDUSC, 1998.

VALLE, E. (Org). *A cultura do povo*. 3. ed. São Paulo: Cortez: Instituto de estudos especiais, 1984.